



Matinta Perera e sua personificação no conto

"A Feiticeira" de Inglês de Sousa

Matinta Perera and its personification in the tale 'The Sorceress' by Inglês de Sousa

6

AUTORAS¹: Nayara Rodrigues Santos e Autor²: Bianca Pereira Chaves

Enviado: 09/04/2024

Aceito: 23/04/2025

Nayara Rodrigues Santos

É licenciada em Letras – Inglês pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Apaixonada por literatura fantástica, investigativa, dentre outras. Dedica-se ao ensino de Inglês como ferramenta para ampliar os horizontes educacionais de crianças e jovens. Acredita na literatura como um meio envolvente para promover uma educação mais justa, crítica e transformadora. Atuou no Grupo de Estudos do Fantástico na Amazônia (GEFA), onde aprofundou seus conhecimentos na área da literatura fantástica.

Bianca Pereira Chaves

É formada em Letras – Inglês pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Atua como professora de Inglês, profissão que exerce com paixão, foco e excelência. Amante da língua inglesa e do processo de ensino-aprendizagem, acredita no poder transformador da educação.

Durante sua graduação, participou ativamente da vida acadêmica como integrante do Centro Acadêmico de Letras Língua Inglesa (CALLI) da Faculdade de Línguas Estrangeiras e Tradução (FALET). Também integrou o Grupo de Estudos do Fantástico na Amazônia (GEFA), onde desenvolveu seu interesse por pesquisas e aprofundou seus conhecimentos na área do Fantástico e da Literatura.

¹ Estudante do Curso de Licenciatura em Letras-Inglês da Faculdade de Línguas Estrangeiras e Tradução (FALET) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), turma 2021.

² Estudante do Curso de Licenciatura em Letras-Inglês da Faculdade de Línguas Estrangeiras e Tradução (FALET) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), turma 2021.





RESUMO

O Brasil é um país muito rico em diversidade cultural e tradições únicas. A Matinta Perera, também conhecida como Matinta Pereira ou Mati-Taperê é uma personagem do folclore brasileiro que possui diversas versões. Na Região Norte do Brasil, essa feiticeira é uma mulher idosa e assustadora que se transforma em pássaro e vaga pela noite assobiando de forma estridente, amedrontando todos levando azar por onde passa. Inglês de Sousa transforma a personagem da lenda Matinta Perera, na personagem Maria Mucoim do conto “A Feiticeira”, por representação simbólica, culturais e místicas, reforçando a ideia de algo sobrenatural que liga as personagens em uma só. Inglês de Souza incorporou em suas obras características das lendas regionais da Amazônia, e como a obra “A Feiticeira”, pode ser vinculada a imagem da personagem da lenda Matinta Perera e sua vertente fantástica. Destarte, foi lançado mão de uma pesquisa teórica a fim de fazer um apanhado do simbolismo e pontos de convergência entre o conto “A Feiticeira” do autor Inglês de Sousa e a lenda da Matinta Perera, para tanto foram usados trabalhos dos seguintes autores Amélia Pereira dos Santos, Marileide P. Torres e Vânia R. de Andrade, Franz Kreüther Pereira, Luís da Câmara Cascudo, dentre outros.

Palavra-chave: Matinta Perera, lenda, feiticeira

ABSTRACT

Brazil is a country very rich in cultural diversity and unique traditions. Matinta Perera, also known as Matinta Pereira or Mati-Taperê, is a character from Brazilian folklore that has several versions. In the Northern Region of Brazil, this sorceress is an elderly and frightening woman who transforms into a bird and wanders through the night whistling shrilly, frightening everyone, bringing bad luck wherever she goes. Inglês de Sousa transforms the character from the legend Matinta Perera, into the character Maria Mucoim from the short story “A Feiticeira”, through symbolic, cultural and mystical representation, reinforcing the idea of something supernatural that connects the characters into one. Inglês de Souza incorporated characteristics of regional legends from the Amazon into his works, and like the work “A Feiticeira”, it can be linked to the image of the character from the legend Matinta Perera and its fantastic aspect.





Thus, theoretical research was carried out in order to make an overview of the symbolism and points of convergence between the short story “A Feiticeira” by the English author de Sousa and the legend of Matinta Perera, for this purpose works by the following authors Amélia Pereira were used dos Santos, Marileide P. Torres and Vânia R. de Andrade, Franz Kreüther Pereira, Luís da Câmara Cascudo, among others.

Keyword: Matinta Perera, legend, sorceress

INTRODUÇÃO

Ao longo da história as lendas têm sido usadas para explicar o inexplicável até o momento do acontecido. Segundo Pereira (2001, p. 08) a conceituação de lenda é a “narração escrita ou oral, de caráter maravilhoso, no qual os fatos históricos são deformados pela imaginação popular ou pela imaginação poética”.

Sabe-se, que os contos tradicionais da literatura oral sobrevivem no imaginário das pessoas que, conservado o tom maravilhoso, permanecem sempre atuais e, dessa forma, resgatam e despertam a memória do inconsciente de cada indivíduo e, ao mesmo tempo, do inconsciente coletivo do povo, formando-se em imagens metafóricas que explicam o que não se consegue pela via racionalizante (Oliveira, 2013, p. 11).

As lendas têm como característica os elementos naturais e acontecimentos inexplicáveis, são frutos de uma tentativa de explicar acontecimentos misteriosos do passado. São vários os contos populares de caráter místico que envolvem, elementos da natureza e seres sobrenaturais no Brasil, alguns dos mais famosos, são o saci, a mula sem cabeça, o boitatá dentre outros.

O presente trabalho tem como objetivo apresentar como o autor Inglês de Souza incorporou em suas obras características das lendas regionais da Amazônia, e como a obra “A Feiticeira”, pode ser vinculada a imagem da personagem da lenda Matinta Perera e sua vertente fantástica.

No Brasil em diversos locais existem várias versões da lenda da Matinta Perera, a velha bruxa que tem influência sobre elementos da natureza, em algumas versões ela se transforma em uma mulher do tamanho de um poste de energia e em outros vira uma ave conhecida como agourenta no norte do país, a rasga mortalha.





Inglês de Souza como escritor explora as crenças populares em suas obras de forma a dar vida de modos distintos a personagens já conhecidos ao longo de tempos anteriores, tal como pode- se constatar na personagem Maria Mucoim, no conto “A Feiticeira”.

MATINTA PERERA OU MATI-TAPERÊ

A lenda da Matinta possui várias versões, a mais famosa delas é a qual ela tem o poder de se transformar em um corvo ou uma coruja rasga mortalha, a rasga mortalha dispõe de um assobio alto e estridente. Segundo o site g1 RO (2022) "O povo do interior tem pavor de seu grito agourento, tido como aviso de que alguém vai morrer".

A Matinta Perera tem a habilidade de atrair azar e usa seu assobio agourento para assustar os habitantes da cidade. Ela fica em cima da casa ou nos muros, as pessoas que estão com medo prometem algo como cigarros, tabaco e café em troca da sua saída. Depois da promessa, ela sai do lugar e retorna no dia seguinte em forma de bruxa velha, Matinta vai às casas e recebe o que lhe foi prometido na noite anterior. Se não lhe for entregue, ela amaldiçoa todos os moradores da casa, com doenças ou mesmo com mortes.

Outra versão bem famosa quanto a primeira, é a qual ela tem a capacidade de crescer bastante da altura de um poste, e anda acompanhada de um pássaro. Uma característica marcante das bruxas é o poder que elas possuem sobre os elementos da natureza, os animais, um aspecto comum na personagem da feiticeira de Inglês de Sousa.

O MÍSTICO NA IMAGEM DA MULHER

A questão do místico sempre esteve ligado à figura feminina ao longo da história, fosse de forma a temer ou recriminar a figura feminina dentro da sociedade. Segundo Vieira (2007, p. 2) “[...] tornar a mulher uma bruxa foi o modo mais fácil de fazer da mulher um monstro, ou seja, aquilo que está à margem do que era considerado o centro.”

Ao longo do tempo, a bruxa povoou o imaginário popular, e ainda vive nele, sendo uma das representações de uma realidade insólita. Perto ou longe das maldades, a bruxa é uma personagem que foi se modernizando, mudando algumas de suas características [...]. Revestida de simbologias do imaginário, como o chapéu e a vassoura, a bruxa foi reinventada, sem perder o seu encanto [...] (Pereira, 2022, p. 1).





Tanto na lenda da Matinta Perera, quanto na personagem Maria Mucoim do conto “A Feiticeira” é possível identificar nuances de mistério e sobrenatural que envolvem ambas as personagens, mesmo que tais ministérios sejam alimentados pelo medo e fascínio dos que retratam essas mulheres.

[...] Quando dava meia-noite ela começava a crescer e ficava da altura do poste, nele enrolava-se e depois subia “ao ar” e saía assobiando MATINTA PERERA, num assobio muito fino e agudo [...] Matinta Perera pode ser de dois tipos: [...] A que tinha asas transformava-se em um pássaro e voava pelas redondezas do lugar onde morava A que não possuía asas, andava sempre acompanhada de um pássaro considerado agourento e identificado como sendo o “rasga-mortalha” (Santos, Torres e Andrade, 1992, p. 41).

Como as autoras relatam, uma das vertentes da lenda da Matinta Pereira, está não apenas virar ave, mas também, tem o poder de mudar de tamanho, ou tem controle sobre animais. Tal como Maria Mucoim no conto de Inglês de Souza ao comandar seus animais para atacar o intruso de sua moradia.

Sousa (2018, p. 31) “A entrada de Antônio de Sousa causou um movimento geral. [...] Foi então que, animada por gestos misteriosos da velha, a bicharada toda avançou com uma fúria incrível”.

Segundo Busma dos Santos et al. (2020, p. 1) “A crença na bruxaria existe em inúmeras sociedades humanas ao longo da história, portanto, há vários conceitos sobre o que é ser bruxa”. Esta pode ser descrita de diversas formas a depender do momento e das intenções do uso de sua imagem dentro do contexto social, Zordan (2005, p. 1) complementa que a “Fêmea inebriante ou velha decrépita, a figura da bruxa exprime alguns conceitos que o pensamento ocidental legou ao que se entende por feminino. Trata-se de uma imagem construída por diferentes discursos [...]”.

Dentro do contexto da lenda da Matinta Perera e do conto “A Feiticeira”, a imagem da bruxa foge ao ser sensual como doutros momentos da história, tanto na lenda quanto no conto de Inglês de Souza, ela se caracteriza pela figura do horrendo, de seres desgastados pelo tempo ou pelos contratos firmados no além. Para Zordan (2005, p. 2) “Ambígua, a bruxa pode ser tanto a bela jovem sedutora [...] como a horrenda anciã [...], aparentada com a morte”.





Na lenda a personagem Matinta Perera, é uma mulher que segundo dizem, é uma senhora que mora isolada no meio da mata, tal como a personagem do conto “A Feiticeira”, Maria Mucoim, igualmente senhora, sola do convívio com os demais, se refugia dentro da mata. Ambas as mulheres são reconhecidas pelo seu isolamento social, aparência de senhoras e sua falta de vaidade, visto que são sempre descritas como velhas e bagunçadas quase igualando a imagem de mendigas. Tal crença sobre mulheres que se encaixam nessas descrições, são até os dias atuais bem comuns nos pequenos vilarejos e cidades do interior.

Em cada povoação e vila, cidade e sede do município, haverá sempre uma velha misteriosa, rezadeira, cercada pelo halo da prestigiosa fama de sabedoria e poder. É a Bruxa, a Feiticeira, paupérrima, faminta, miserável, poderosa e digna de esmolas (Cascudo, 1962, 191-192).

É possível ver que além de ser uma mulher que tem poder sobre a natureza, a bruxa também é desprovida de vaidade, vestindo-se de rusticidade conforme o ambiente ao qual habita. Maria Mucoim e a Matinta Perera se ligam pela fama de “feiticeiras”.

No conto “A Feiticeira”, o autor, cria em torno da personagem todo o misticismo pautado no fantástico que os demais moradores da região acreditam, e transmite isso através das narrativas de relatos destes vizinhos cheios de medo e receio ao se referirem sobre a Maria Mucoim.

Bruxa, feiticeira, mandingueira, adivinha, vidente, maga, mágica, necromante, nigromante, lâmia, xamã, sábia, sacerdotisa, pitonisa são alguns dos termos associados àquela mulher que manifestava e manifesta algum conhecimento sobre - presságios, adivinhações, benzeduras, curas através das ervas, partos e orações - cultuando um mundo invisível, mágico, misterioso e numinoso sobre o qual o conhecimento científico e racional tem muito pouco a explicar e comprovar. Para que entendamos as transformações históricas pelas quais as representações da imagem da “bruxa” passaram, se faz necessário olharmos para um passado bem longínquo em que o feminino era visto como força fundamental para a sobrevivência na terra. (Dias e Cabreira, 2019).

Esta é a imagem da Feiticeira retratada na lenda da Matinta Perera e no conto “A Feiticeira”, a mulher velha, afastada do convívio com outros, banida para lugares precários e longínquos da natureza, onde enfrenta dificuldades. Para Zordan (2005, p. 7) a feiticeira é sempre encarada “como uma ameaça à sociedade, muitas vezes expulsa de sua aldeia, a bruxa era isolada, uma fugitiva[...]”.





Mesmo com todos os estigmas sociais que acompanham sua figura, a feiticeira também carrega junto a si o imaginário de poder, o qual alimenta a fé dos desesperados que a procura como último recurso. “[...] cedo ou tarde, seria procurada para servir como confessora de apaixonados e intermediar os mais diversos prodígios exigidos por aqueles que se arriscam indo atrás de seus poderes. (Zordan, 2005, 337).

Ao analisar o conceito de bruxa e feiticeira, é possível encontrar duas versões que estão fixadas ao longo do tempo no imaginário popular, ou seja, a bruxa ou a feiticeira podem ser tanto jovens bonitas, sedutoras, gentis, ou por outro lado, podem ser vista como mulheres velhas, más, desprovidas da beleza da juventude.

É comum ver em contos e lendas que estas mulheres costumam ser belas através do uso de porções, sacrifícios e até mesmo pactos com o demônio, mas por conta de suas maldades e pecados, sempre trarão em si uma marca do corrompimento de suas almas.

Ao longo de muitas eras da civilização patriarcal, a lição predominante sobre as mulheres que fazem uso de poderes ou que se aliam a forças que, de um modo ou de outro, a máquina civilizatória não consegue domar é bem conhecida de todos. Toda expressão de poder por parte de mulheres desembocava em punição. Cunhada dentro do cristianismo, a figura das bruxas traduzia-se em mulheres devoradoras e perversas que matavam recém-nascidos, comiam carne humana, participavam de orgias, transformavam-se em animais, tinham relações íntimas com demônios e entregavam sua alma para o diabo. (Zordan, 2005).

O que a figura da bruxa nos remete a um certo modo de enxergar a mulher, principalmente quando está expressa no poder. As bruxas eram vistas como criminosas por não cumprirem as leis dos homens, impostas pela igreja e estado. Eram punidas severamente na forca, fogueira, solidão, por serem selvagens, mulheres cheias de poderes que tinham ligação com o mal.

As mulheres desde os primórdios nunca possuíram poder sempre foram submissas, escravas na sociedade, tinham seu papel de ser reprodutoras, de casar, ter filhos, cuidar da casa e de seus maridos, não possuem vontade própria, até sua fala e pensamentos eram limitados, pois até seu ato de se expressar dependendo do que fosse poderia lhe pôr em apuros.

Por conta dessa soberania dos homens sobre as mulheres, aquelas que se desviava dessas obrigações e buscavam caminhos diferentes, aprender coisas e fazer coisas que não lhe convém lhe reivindicava esse título de bruxa, de mulher mal, perdida, mulher que busca trazer discórdia e desviar a todos do caminho certo, do equilíbrio natural daquele tempo.





Mulheres que aprendiam a arte de utilizar plantas para fazer medicamentos, curar, Era espantoso imaginar que a mulher, por si própria, tivesse a capacidade de curar e fazer malefícios sobre o corpo de alguém ou realizar certos fenômenos ditos "sobrenaturais", mulheres velhas viúvas principalmente, sem beleza aparente, ou que se mantiveram isoladas eram evitadas por serem consideradas bruxas, sedentas por poder.

Como subordinado de Deus, o diabo servia-se da bruxa para testar a fé dos homens e também de mulheres virtuosas. Mesmo as damas de 'boa conduta' eram suscetíveis aos cortejos infernais porque as mulheres eram mais 'facilmente seduzidas pelo pecado'. (Zordan, 2005).

Uma mulher por ser um sexo fragil e submissa ao homem, estava mais inclinada a se tornar bruxa, a pecar, a figura feminina não usufruia do direito de disputar poder com os homens. mulheres que se destacavam por ser fortes e ter habilidades que até então não deveriam, estavam ligadas ao demônio, ao mau.

Assim, tinha suas vidas ceifadas devido ao julgamento dos homens, da igreja, da sociedade, sem direito a defesa ou explicações, bastava alguém levantar suspeitas e acusações que já eram executadas, muitas mulheres perderam suas vidas assim.

A FEITICEIRA, A NATUREZA E O USO DE ANIMAIS COMO MAU PRESSÁGIO

A mulher por ter um vínculo forte com a criação da vida e uma intimidade com a cozinha lugar onde se cria o alimento do corpo, têm sido ela um ser temido e caçado ao longo dos tempos, além de girar em volta de si várias histórias fantásticas que são reforçadas pelas crendices populares. Por suas características particulares e sua delicadeza de entender a natureza, a figura da mulher foi estigmatizada como alguém com poderes que podem ser usados tanto para o bem, quanto para o mal.

Dentro das crendices populares na região da Amazônia a figura feminina mística e que carrega consigo o temor de quem relata seus contos é a Matinta Perera, segundo Ferreira e Nascimento (2018, p. 242), este "ente amazônico é dotado de poderes zoomórficos e comumente associado ao gênero feminino". É esta a figura das lendas, ora bruxa com seus encantos e maus agouros para prejudicar a quem lhe importunar, ora Maria Mucoim de Inglês de Souza, a temida feiticeira com dons para fazer o bem através de rezas e porções.





Porém, ambas com suas distinções e similaridades ainda não deixam de ser retratadas e temidas por quem lhes cita o nome, tal temor vem das fantasias e crenças que tecem sobre a imagem das mulheres de poderes sobrenaturais. Conforme Zordan (2005, p. 9) a feiticeira, a bruxa, a mulher com dons sobrenaturais “[...] é aquela que se compõe junto a uma grande variedade de pré-conceitos pensados sobre o feminino, sobre o corpo, a natureza e os ciclos de nascimento, vida e morte”.

A capacidade de realizações fantásticas das feiticeiras está fortemente associada à natureza de alguma forma, sendo esses dons encarados como de bruxas. Estas usam partes de recursos naturais para seus trabalhos maléficos, já a feiticeira pode escolher ser boa ou má, segundo lhe convir dentro do imaginário popular.

Todavia, ambas as figuras fantásticas estão sempre associadas a animais, que em grande parte são ligados a mau agouro, ou má sorte de quem eles cruzam o caminho, conforme as crenças sobre os gatos pretos, ou que recebem suas visitas assim como no caso das corujas e as superstições que as rodeiam. Conforme Fares (1997, p. 26), a “(...) nativa matinta tem ares das bruxas do mundo medieval”. Ramos (2020, p. 7) reforça que “[...] Matinta seria um termo nativo usado para nomear a mais perigosa espécie de feiticeira”.

A imagem da feiticeira é desenhada no imaginário popular de diversas formas e conforme se é criada, seu poder se reflete a forma como esta leva a vida, Inglês de Souza retrata a figura da feiticeira em seu conto através de descrições da personagem e da forma de vivência exilada que esta leva, além de reforçar sua posição de feiticeira através de relatos de moradores ao contar caso sobre ela, Sousa (2018, p. 25) “Como lhe falassem muitas vezes da Maria Mucoim, afamada feiticeira daqueles arredores [...]”.

Há além dos dons e de toda a fantasia ao redor das mulheres dadas como bruxas ou feiticeiras o vínculo imaginário destas com a natureza em geral, plantas e animais, estes últimos em sua grande parte tidos como agourentos. Ramos (2020, p. 7) “a Matinta Perera é concebida, na maioria das vezes, como uma mulher feiticeira que atua no turno da noite, na companhia de um pássaro”.

Os animais são em contos de Bruxas e feiticeiras muito ligados a má sorte, ou mau presságio, tal como a crendice sobre o gato preto, o bode preto, a coruja e tal como Inglês de Sousa trabalhou em alguns de seus contos o pássaro Acauã “[...] achava graça ao canto agoureiro do Acauã, que tantas desgraças ocasiona” (Sousa, 2018, p. 24).

Por se acreditar que as bruxas eram mulheres que tinham feito pactos com o demônio, animais cuja coloração é escura, de hábitos noturnos, ou carniceiros eram ligados ao temível. A falta de luz ou cor da pureza, o branco, eram tidos também como sinais de algo maligno, estes eram animais que traziam com suas visitas o mal agouro, a má sorte, ou desgraça para a casa onde eram vistos, nunca algo definido, mas sempre mensageiros de algo ruim.





Por serem as feiticeiras ao longo do tempo associadas a animais de mau- presságio, faz-se possível encontrar na lenda da Matinta Perera tal associação da bruxa e seu passáro de assovio agourento, seja essa na companhia de tal pássaro ou mesmo transformando-se em um.

Na região norte do Brasil, no sudeste do estado do Pará, esta mulher misteriosa, a Matinta Perera, traz consigo a coruja rasga mortalha ou tem a capacidade de se transformar nesta. A existência da crendice de mau presságio sobre a rasga mortalha é confirmada por Silveira *et al.* (2019, p. 4) “[...] a crença de que a rasga-mortalha é um animal que traz agouro”. Este animal é visto como um mensageiro de más notícias, e essa superstição ainda se mantém bem forte dentre os moradores mais antigos da região.

A regionalidade das crendices e suas ligações com com animais e associação com a figura da feiticeira que se transforma nestes, é retratada também na obra de Inglês de Sousa quando o narrador retrata fatos contados sobre a personagem Maria Mucoim. “Pessoas respeitáveis afirmaram-me ter visto a tapuia transformada em pata, quando é indubitável que Mucoim jamais criou aves dessa espécie” (Sousa, 2018, p.26).

A concepção de feiticeira também está vinculada a mulher que em rituais de magia está sempre na presença de animais associados ao maligno. “Já houve quem visse, ao clarão de um grande incêndio que iluminava a tapera, a Maria Mucoim dançando sobre a cumeira danças diabólicas, abraçada a um bode negro[...]” (Sousa, 2018, p. 29).

As crenças sobre a mulher e seus dons de invocar forças da natureza ou ter domínio sobre a vontade de animais, assim como na lenda da Matinta ao comandar o pássaro, ou ter a capacidade de controlar os acontecimentos na vida daqueles que lhe afrontam. Tais crenças também são retratadas na obra de Inglês de Sousa, onde a velha feiticeira, no imaginário popular está de fato diretamente ligada a animais de vertentes maléficas, conforme as crendices populares.

[...] pousada nos punhos da rede, uma coruja, branca como algodão, parecia dormir; e ao pé dela, um gato preto descansava numa cama de palhas de milho. [...] Um enorme urubu, preso por uma embira ao esteio central do quarto, tentava picar um grande bode, preto e barbado, que passeava solto, como se fora o dono da casa. [...] Foi então que, animada por gestos misteriosos da velha, a bicharia toda avançou com uma fúria incrível (Sousa, 2018, p. 31).

Tal imaginário sobre feiticeiras, natureza e animais são reafirmados de geração em geração e tal como na lenda da Matinta Perera, o autor Inglês de Sousa, introdutor do naturalismo na literatura brasileira, este consegue com maestria criar uma personagem singular repleta de misticismo e tão viva de imaginário e crenças populares, que refletem a ligação da feiticeira com a natureza e o animal, mesmo que sempre estes últimos venham como simbolismo de um mal sempre a espreita, ou uma força que lhes tem sob controle.



O ESPELHAMENTO DA IMAGEM DA MATINTA PERERA NA MARIA MUCOIM DE INGLÊS DE SOUZA



A figura mítica do folclore brasileiro Matinta Perera, é uma mulher que representa no imaginário a figura de uma bruxa, através de contos narrados de geração em geração, repletos de receios e fascínios sobre os poderes que a mulher do assovio macabro tem sobre a vida das pessoas.

Conforme Santos, Torres e Andrade, (1992, p. 41) a Matinta é descrita como uma senhora que “[...] gostava de usar saia vermelha bem comprida e lenço na cabeça [...] Matinta era uma pessoa idosa do lugar, do sexo feminino que carregava a sina de “virar” Matinta Perera”. Tal descrição não se difere da usada para personificar a imagem de Maria Mucoim, ao ser retratada por Inglês de Sousa.

[...] Maria Mucoim uma velha magra, alquebrada, com uns olhos pequenos, de olhar sinistro, as maçãs do rosto muito salientes, a boca negra, que, quando se abria num sorriso horroroso, deixava ver um dente, um só! comprido e escuro. A cara cor de cobre, os cabelos amarelados presos ao alto da cabeça por um trepa-moleque de tartaruga, tinham um aspecto medonho que não consigo descrever. (Sousa, 2018, p. 26).

É percebida a semelhança entre as duas personagens, e por ambas retratam histórias regionais fantásticas, são carregadas de mistério e fantasia. Ambas as histórias também retratam o poder e a influência dos feiticeiros ou bruxos sobre a vida das pessoas, causando medo e fascinação ao mesmo tempo, o que reforça também as crendices populares da região.

Por fim, outra possível ligação entre as duas histórias é a ambientação na Amazônia, suas ligações com a natureza e a representação do poder através da ligação com os animais, além destes terem também nas duas histórias o papel de representar o “mal agouro”.

Tanto a lenda da Matinta Pereira quanto o conto de Inglês de Sousa se passam nessa região, explorando a sua cultura, crenças, mitologia e paisagens. Esse cenário comum pode criar uma atmosfera única que une as duas histórias e as torna mais imersivas para o leitor.



CONCLUSÃO



Inglês de Sousa incorporou à literatura crenças e lendas através de suas obras. No conto "A Feiticeira" o autor deu vida à personagem de Maria Mucoim, uma mulher forte e temida, que humaniza a tradicional bruxa amazônica, antigamente temida e atualmente admirada na figura da lenda da Matinta Perera. Através do conto "A Feiticeira", as riquezas de saberes e crenças das Amazonenses adquirem forma, difundindo-se através do território brasileiro.

A figura de Maria Mucoim de Inglês de Sousa retrata a desigualdade social e personifica o preconceito de uma sociedade com valores distorcidos em relação à figura feminina, evidenciando que o feio, o velho, o estranho e o desconhecido são muitas vezes temidos e, em diversos casos, afastados com desprezo do convívio social.

Ao longo da história, muitas mulheres nunca foram senhoras de seus próprios corpos ou vidas, sendo que, até nos dias atuais, direitos de autonomia são reivindicados pelo gênero feminino. No conto "A Feiticeira", é retratada essa crença de receio e temor em relação a uma figura feminina desgastada pelo tempo e pela vida. Nesta, são personificados poderes explicados na credence popular por meio de pactos ou forças sobrenaturais, tudo isso para elucidar crenças inexplicáveis ligadas à condição feminina.

Inglês de Sousa dá vida a essa representação através de sua Maria Mucoim, enquanto nas lendas amazônicas, esses elementos são incorporados à figura da bruxa Matinta Perera, a velha da rasga mortalha, pedinte noturna de fumo e cigarro e a mulher que sobe aos céus e se torna um pássaro de mal presságio.



REFERÊNCIAS

BARROS, Fabiano Tertuliano de. **A humanização dos mitos e lendas amazônicos na dramaturgia amazônica** - Trabalho de Conclusão de Curso ao Programa Pró-licenciatura de Teatro da Universidade de Brasília, Porto Velho/RO 2013. Acessado em: 29 ago. 2023.

BUSMA DOS SANTOS, Daniela; DANTAS CORREIA DE JESUS, Mariany; DUTRA L'ABBATE, Camila; FRANÇA SILVA GOMES, Maria Luiza; PEREIRA NOVAES, Sara. **A Bruxaria e seus vínculos com o empoderamento feminino na contemporaneidade**. 3º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 2020, Salvador. São Paulo: Intercom, 2020. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2020>. Acessado em: 02 de set. de 2023.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Instituto Nacional do Livro, Rio de Jan. 1962.

DIAS, Bruno Vinicius Kutelak; CABREIRA, Regina Helena Urias. **A Imagem da Bruxa: da Antiguidade Histórica às Representações Filmicas Contemporâneas**. Ilha Desterro. Jan-Apr 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ides/a/Q8cJDfsgznTRCpnQdzwc5Jw/#>. Acessado em: 29 ago. 2023.

FERREIRA, Rubens da Silva; NASCIMENTO, Cleide Furtado. FERREIRA, Rubens da Silva; DANTAS, Cleide Furtado Nascimento. **O mito da matinta perera e suas formas variantes em Curuçambaba**, Bujaru (Pará, Brasil). Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL - Boitatá, Londrina, n. 25, p. 242-258, jan./jun. 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/10378>. Acessado em: 06 de set. de 2023.

NÚBIA, Jheniffer. **Rasga-mortalha: conheça a coruja que é temida popularmente por anunciar a morte**. Disponível em: <https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2022/11/04/rasga-mortalha-conheca-a-coruja-que-e-temida-popularmente-por-anunciar-a-morte.ghtml>. Acessado em: 03 de set. de 2023.

PEREIRA, Franz Kreüther. **"Painel de Lendas e Mitos da Amazônia"**. Belém-Pará, 2001. Disponível em: https://www.academia.edu/37214733/PEREIRA_Franz_Kreuthner_PAINEL_de_LENDA_MITOS_da_AMAZONIA. Acessado em: 08 de ago. de 2023.

PEREIRA, Gisley Carla Borba S. **As representações de bruxa em as memórias da bruxa Onilda, de Enric Larreula e Roser Capdevila**. Trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – Polo Iporá, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ifgoiano.edu.br/handle/prefix/3370>. Acessado em: 02 de set. de 2023.

RAMOS, Andressa de Jesus Araújo. **Matintaperera: de bruxa medieval e feiticeira amazônica à jovem que gostava de luxar** - Web Revista Linguagem, Educação e Memória – V.18, N.18 – 2020 – pág. 04 - 18. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/WRLEM/article/download/3350/pdf>. Acessado em: 06 de set. de 2023.

SANTOS, Amélia Pereira dos., TORRES, Marileide Pereira e ANDRADE, Vânia Ribeiro. **Marabá: Suas lendas e credices** - Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA) - Universidade Federal do Pará; 1992. Acessado em: 02 de set. de 2023



SILVEIRA, Priscilla Evelyn De Souza et al. **Concepção sobre mitos e lendas relacionados à fauna da caatinga por alunos do ensino médio da cidade de sobral-ce..** Anais VI JOIN / Brasil - Portugal... Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/57543>>. Acessado em: 06 de set. de 2023.

SOUSA, Inglês de. **Contos amazônicos.** Cadernos do mundo inteiro. Jundiaí, SP, 2018. Disponível em: <https://cadernosdomundointeiro.com.br/pdf/Contos-amazonicos-2a-edicao-Cadernos-do-Mundo-Inteiro.pdf>. Acessado em: 08 de ago. de 2023.

VIEIRA, Bruno César Ferreira. **Bruxaria e Feminismo uma análise da independência da mulher através dos seriados da TV** -XII Seminário Nacional Mulher e Literatura e do III Seminário Internacional Mulher e Literatura – Gênero, Identidade e Hibridismo Cultural, do GT Mulher e Literatura da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Lingüística), Ilhéus/Bahia. Disponível em: <http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/sessoes.html>. Acessado em: 02 de set. de 2023.

ZORDAN, Paola Basso Menna Barreto Gomes. **Bruxas:** figuras de poder - Ensaio • Rev. **Estud. Fem. Estudos Feministas**, Florianópolis, 331-341, maio-agosto/2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000200006>. Acessado em: 02 de set. de 2023.

